

501
63D

CEDI - P. I. B.
DATA 11 / 04 / 88
COD. PTD 05

Relatório S/N de J 8687

PROG. 2502/87
FUNÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Data 16/7/87

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a identificação da AI 9 de Janeiro realizado em 1985, conforme Portaria nº1810/84. O levantamento de dados e a elaboração do relatório foram feitos em conjunto com o Prof. Waud Krack que no final de 1986 retornou à área Parintintin. As informações por ele obtidas junto aos índios indicam que não houve mudanças em relação a situação constatada no ano de 1985, no que se refere a questão da terra. Isto é, não ocorreram outros problemas com regionais ou invasões do território tribal, além daqueles que já tínhamos conhecimento.

A perspectiva adotada neste trabalho foi a de explicitar de que forma diferentes instituições da sociedade Parintintin estão vinculadas ao espaço territorial ocupado pelo grupo. Deste modo, tentamos de mostrar que a terra é socialmente apropriada, tendo portanto, fundamental importância para a existência do indivíduo Parintintin.

Cabe ressaltar que dependendo do contexto, o índio percebe a terra do mesmo modo que o nacional, isto é, como um meio de produção. O que verifica-se através da exploração econômica dos seringais, sorvais e castanhais - organizada, por motivos óbvios, com uma lógica diferente da nacional.

A proposta de área feita pelo GT obedeceu, também, outros critérios. A presença de regionais dentro das terras que os índios entendem como lhes pertencendo foi levado em conta. Assim sendo, procurou-se excluí-los da área eleita, desde que não inviabilizassem o atendimento das necessidades e perspectivas apresentadas pelos Parintintin.

Após visita a unidade regional do INCRA, na cidade de Humaitã-AM, para obter informações sobre as condições fundiárias da região em estudo, tivemos a nítida impressão que os membros dessa repartição negavam aos Parintintin a identidade de índio. Mostraram-se surpresos - ou de certo modo contrariados quando afirmávamos que os Parintintin - se adequam as condições que a legislação sobre minorias étnicas define como merecedoras de atenção por parte do Estado. Esta visão é, em parte, compreensível. Visto que, a Gleba Pupunha (arrecada em 1978 e demarcada em 1984) está situado dentro do território indígena, chegando, inclusive, durante sua demarcação, cortar ao meio a roça do Manoel Lopes - índio Parintintin que reside em um afluente do igarapé - Traíra.

Arquivo

Não é só no INCRA, mas também em outras agências oficiais ou junto a diferentes segmentos da sociedade nacional que este procedimento predomina. Pois, conforme a situação e os interesses envolvidos a identidade de índio, igualmente a um diploma, que se dá a alguém, - pode ser retirada, caso seja, considerado que os atributos espertamente selecionados para identificar um índio tenham desaparecido. É o que comumente ocorre com os grupos que como no caso dos Parintintin a dotam um estilo de casa semelhante ao do regional, usam roupas, falam também, o português, etc. Contudo, evita-se levar em conta que essas mudanças só são possíveis devido ao contato indiscriminado, a falta de assistência e a incapacidade do órgão tutor em fazer respeitar "os direitos" que a legislação garante aos índios - a Delegacia da FUNAI em Porto Velho-RO, sempre teve conhecimento da presença dos Parintintin na região.

Ao mesmo tempo, deve-se ter em mente que o modelo de casa, o tipo de roupa e o conhecimento de uma, duas ou três línguas não impedem o funcionamento das instituições tribais. As regras de casamento, a escolha da chefia, as relações entre sogro e genro, a filiação clânica, a organização das atividades de subsistência e comerciais, etc. obedecem aos mesmos princípios que vigoravam antes do contato e são - característicos da sociedade Parintintin.

HISTÓRICO

Curt Niwendaju em seu artigo "Os índios Parintintin do rio Madeira" faz um detalhado levantamento histórico sobre os Parintintin. Transcrevemos, a seguir, os trechos de maior relevância para o presente trabalho:

"Os Parintintin do Madeira e os bandos de índios chamados "Tupi" (Paranawád, Takwatib Wiraféd etc) que habitam o Alto Machado e especialmente o Riozinho, seu afluente septentrional, pertencem a uma e a mesma tribo. O nome próprio de uns e de outros é Kwahib, Kawahiwa. Tomei vocabulários de dois daqueles bandos "tupi" do Riozinho em 1921 e 1922 e verifiquei a pouquíssima diferença que existe entre eles e o dialecto dos Parintintin. Disto e da grande semelhança que apresentam os dialectos de todas estas hordas com a língua dos Apiakã do Alto Tapajoz, eu tiro a conclusão que, tanto os Kawahiwa-Parintintin do Madeira como os Kawahiwa-Tupi do Alto Machado, representam os fragmentos da antiga tribo dos Cabahybas que é mencionada desde os fins do século XVIII no Alto Tapajoz, mas que mais tarde desaparece de lá, sem deixar vestígios.

As informações sobre estes antigos Cabahybas são extremamente escassas. Um manuscrito anonymo (DG244) do anno de 1797 traz a observação laconica: "Cabahibas - língua geral: inferiormente (aos Apiacãs) situados, próximos da dita confluência (do Arinos com o Juruena)".

Castelneau (FC 1.116) compoz uma lista de tribus do Matto Grosso, utilizando-se de dois manuscriptos que lhe foram fornecidos em Cuyabá e que, visivelmente reproduzem a situação no começo do século XIX. Nesta lista elle cita: "Os Cabaivas que cultivam plantações consideráveis ao Oeste do Jumena, mas que são muito mais afastados do rio que as nações precedentes (os Tamepugas, Umpuyas, Mucuris e Biraçaparas)".

Ayres de Casal (AC 256) da mesma maneira os menciona em 1817: "Ao Norte dos derradeiros (os Appiacãs) vivem os Cabahybas que fallão o mesmo idioma".

Em 1819 alguns Apiakã que tinham vindo de visita a Cuyabá, informavam ao Cônego José da Silva Guimarães (CG 309) "que entrando-se por este rio (Juruena) cinco dias, acha-se outro chamado - Parãnhymecujas cabeceiras vão ter a uma comprida serra... que o gentio - cauahipe (talvez o mesmo que os antigos sertanista chamavam - Cabahiba) - que mora nas margens do outro rio por elles denominado - Paramutanga - que faz barra no Parãnhyme, usa enfeites de prata".

Martius dividindo as tribus Tupi em cinco grupos, reúne com os Apiacãs os Cahabybas (Caa-úvas, Cabaivas) e alguns outros debaixo da denominação de Tupys Centrais (CM11.5). O autor faz menção dos seus costumes guerreiros e anthropophagicos (CM 1.707). Elles viviam em hostilidades com os Uyapãs e Apiacãs (CM 1.204) e diante destes inimigos já se tinham retirado para mattas distantes.

Pelo anno de 1800 os Kawahib (Cauhipe, Cahahiba, Cabahyba, Cabaiva), moravam ao Oeste (e talvez também no Leste?) do Alto Tapajoz, longe da margem no interior, formando uma tribu considerável, agricultora e guerreira que fallava a mesma língua dos Apiakã, sem inimigos pelo lado de cima. Desde então o nome Tupi Cabahiba desaparece para dar lugar à denominação mundurukū Parintintin, porque nada mais sabemos da tribu como vizinha e parente dos Apiakã, mas só a conhecemos dalli em diante como inimiga dos Mundurukū. Como estes só em 1800 estabelessem as primeiras relações pacíficas com os civilizados, só algum tempo depois podia se vulgarizar aquelle nome que elles davam - aos Kawahib. Segundo Martius a guerra dos Mundurukū contra os Parintintin começou depois que os primeiros obrigaram os Múra a se renderem - aos civilizados em Santo Antonio de Maripy no Yapurã, em 1785 (CM I.595)

O primeiro autor que se refere aos Parintintin é Ayres de Cazal que, fallando das tribus da "Mundurucania", cita (AC 278): "Os Parintintin, dilatando muito as orelhas com rodellas e denegrindo o beijo superior em forma de meia lua, capacitam-se que ficam airosos e respeitáveis". Esta descrição concorda muito mal com os costumes dos actuaes Parintintin do Madeira.

Martius, que poucos annos mais tarde veio ao Amazonas fornece mais algumas informações sobre os Parintintin..., colloca os Parintintin em conjunto com os Araras e Jumas, "nas cabeceiras do Mauhês e dali para Oêste" (CM I. 385) ou "nas cabeceiras do Canoamã e para as bandas do Madeira" (SM 1313). Em outro logar (CM I.201) elle falla em tribus tupys nos afluentes do Madeira. Uma das suas descrições (CM I. 386) concorda bem com os costumes actuaes dos Parintintin daquelle rio: "Segundo outras informações os Parentintin teriam tatuagens na cara e na face interior do antebraço, junto da munheca e seriam anthropophagos".

Em 1829 um artigo do Jornal "O Telegrafo Paraense" (FC I, Tomo V, 164) menciona os Parintintin anthropophagos entre as tribus da zona do Madeira. ^uCastelna^urelata (FC I, Tomo III, 104): "A partir deste ponto (Cachoeira, Todos os Santos, 89 Lat. S.) a margem esquerda do rio (Alto Tapajoz) é habitada pelos Parentintins que se estendem até um pouco ao Norte da embocadura do São Manoel... A partir do Agoupona (Cururú) as duas margens são habitadas pelos Mundurucús". Atraz (p. 100) elle dá como occupantes da margem esquerda, da confluência do Arinos com o Juruena até a Cachoeira Todos os Santos, os Jahurariti Tapuyos (-Yawareté T-apicyá-Parintintin).

Destas informações, por escassas que sejam, pode-se deduzir - que nos primeiros decenios do século XIX os Kawahib se acharam na segunda phase de sua evolução histórica: Destroçados pelos Mundurukú, a divisão occidental da tribu se retirou para os affluentes do Madeira. Alguns bandos, os chamados "Tupi", se vieram fixar no Alto Machado, - conservando-se lá, obscuros e desconhecidos, até que delles recebemos notícias pela abertura da linha telegraphica de Cuiabá a Santo Antonio do Madeira, entre os annos de 1911 e 1914). Um outro bando de Kawahib se estabeleceu a mais de 250 kilometros de distancia delles, ao Norte do curso interior do mesmo Rio Machado, e tornou-se célebre debaixo do nome de Parintintin.

A primeira notícia documentada de um ataque de Parintintin que eu possuo, é do anno de 1852 (Relatório do Conselheiro Herculano Ferreira Penna): Em Novembro daquelle anno elles mataram no Rio Marmellos 3 pessoas occupadas na extração de óleo de copahiba e queimaram a bar

raca com os objetos nella depositados. Pela maneira como é registrado este ataque vê-se que hostilidades destas não eram, nenhuma novidade, já naquella época. Desde então talvez que não tivesse passado um só anno sem que os Parintintin não tentassem ao menos um assalto aos civilizados, com resultados mais ou menos funeste para estes. Fixaram-se estes índios entre o Madeira e os seus afluentes Marmellos e Machado e tornaram-se o flagello da população civilizada. Não se pode mais averiguar a quem coube a culpa pelas primeiras hostilidades: temos de considerar que os Kawahib, desde o seu primeiro apparecimento, eram uma tribu aguerrida, e que na zona do Madeira elles penetraram como invasores, estabelecendo-se à custa dos Torá e, provavelmente, - também dos Múra. Narra, porém, uma tradição destes mesmos Torá que no princípio os Parintintin absolutamente não se mostravam tão hostis, e que a guerra implacável foi provocada pelos excessos dos civilizados. Quem conhece os processos communs da conquista do sertão jamais porá em dúbida a veracidade desta tradição.

Uma guerrilha cruel e traiçoeira começou e se arrastou durante longos decênios. Nas suas correrias annuaes os Parintintin derramavam o terror, a morte, o saque e o incêndio no meio dos civilizados, e das represálias que estes costumavam tomar nenhuma melhora resultou, pois nellas os civilizados, as mais das vezes, se comportaram peor - que os seus adversários selvagens. Bradou-se por medidas enérgicas; exigiu-se, o extermínio da tribu, e os moradores do sertão contribuíram o mais, que foi possível para este fim, fazendo fogo sobre qualquer Parintintin, onde quer que elle se apresentasse. Açulavam contra elles os seus inimigos velhos: os Mundurukú. ^{Co}ndreau relata (HC 39-41) uma tentativa destas - mas com tudo isto a força guerreira desta valente tribu não diminuiu sensivelmente. O centro dos Parintintin parece ter sido sempre na parte meridional do território percorrido por elles, pela latitude de 8º aproximadamente. Nesta confrontação até hoje não existem moradores civilizados na margem do Madeira. Da Ponta Norte de seu território elles se retiraram um pouco, abandonando as vizinhanças do lago de Uruapiara, e actualmente as suas correias não passam além de 6940'. Da própria margem do Madeira elles foram expulsos, pela invasão dos seringueiros, em todo o trecho entre o lago do Antonio e Paraizo, mas ainda em 1922 elles atacaram o barracão Tapurú, a vista de um vapor atracado no porto. Em tempos passados os Parintintin se atreviam mesmo a transpor em suas canoas de casca o Rio Machado e até o Madeira, para atacar a missão de São Francisco e os moradores de Pasto Grande. De contrário, só no último decênio se estenderam outra vez para o Oriente, além do Alto Marmellos, de onde expulsaram os seringueiros, de forma que os seringais desta parte do rio jazem hoje em abandono. As hostilidades dos Parintintin não só se diri-

giam contra os Neo-Brasileiros como também contra as tribus de índios da vizinhança; os Andára do Rio Preto, os Torá, os Múra e os Múra-Pirahã - enfim, não existia esta pessoa que se pudesse gabar de ter tratado em paz com esta tribu temível.

E foi desta forma, por uma guerra de 80 annos, que os Parintintin consolidaram a sua fama de "feras cruéis e indomáveis" e se tornaram o alvo de ódio e o horror de todos os seus vizinhos".

ATUAÇÃO DO SPI

A pacificação dos Parintintins comumente encarada como modelo de contato de tribos arredias pelo SPI, também serve para exemplificar através de seus resultados, os reais efeitos dessa prática. A expedição de "pacificação" organizada pela agência oficial de proteção aos índios tem como princípio, pelo menos na fase inicial, mostrar-se generosa com farta distribuição de presentes, em parte, financiados pelos grandes proprietários da região com quem os Parintintin travam - uma obstinada guerra para manter a integridade de seu território. Em seguida, durante a "consolidação do contato" a escassez de recursos - torna-se evidente. Pouco a pouco, os Postos são fechados, justo quando deveriam intensificar a assistência, numa fase percebida como crítica. O SPI já havia obtido o conhecimento, através de outras pacificações, de que o principal resultado do contato não é: o fim das - hostilidades entre índios e regionais, que de um modo geral resultam em poucas vítimas, mas as epidemias que sem exceção reduzem nações indígenas numerosas a um punhado de indivíduos.

Os Parintintin renomados guerreiros que durante séculos enfrentaram inimigos muitas vezes superiores em número e armas como os Mundurukú, Múra e brasileiros, renderam-se, logo após a pacificação, a ação devastadora de doenças desconhecidas (gripe, sarampo, e outras). Somando o precoce enfraquecimento administrativo e financeiro dos pacificadores - principal justificativa utilizado pelo SPI para explicar sua incapacidade em garantir a sobrevivência física e cultural dos índios - têm-se as condições ideais para que o território indígena, até então nobremente defendido, seja explorado e ocupado.

A débil presença do SPI entre os Parintintin inicia-se em 1920 com a instalação de um "Posto de pacificação" na margem direita do médio Maici. Um ano depois, Curt Niwendaju contratado para chefiar a frente de atração funda um outro Posto, na boca do igarapé 9 de Janeiro, afluente da margem direita do Maici-Mirim. Em 1923, logo após os

primeiros contatos, a Inspeção do Amazonas encerra os trabalhos, por falta de verbas.

Além do alto índice de mortalidade, o SPI deixa bem cristalizado entre os Parintintin outros efeitos de sua atuação. Os funcionários e encarregados dos Postos contratados pelo órgão para atuar com os Parintintin foram recrutados, na maioria dos casos, junto a população regional. Assim, indivíduos sem qualquer tipo de conhecimento "específico" para lidar com índios, a não ser o da experiência recente dos diversos conflitos, tornam-se através do SPI, seus protetores e responsáveis por sua assistência. Por outro lado, o SPI, segundo farta documentação disponível, mostra-se muito mais preocupado com sua própria sobrevivência do que com o dos índios, ao incentivar o desenvolvimento de atividades econômicas, que, utilizando a mão-de-obra indígena viessem propiciar a autonomia financeira das unidades administrativas (Inspeção e Postos). Deste modo os índios tornam-se objeto de duplo interesse: primeiro do regional travestido de empregado da Inspeção que visando proveito próprio, como veremos a seguir, induz os índios a explorar os recursos naturais existentes dentro de suas terras; segundo do SPI que desrespeitando o modo de vida tribal não só permite, mas estimula esse tipo de prática, mesmo sem condições para controlá-la.

Figurava entre as principais preocupações do SPI evitar a exploração dos índios por regionais e em relação a ação de seus funcionários fazer com que a renda obtida com o trabalho indígena fosse revertida em benefício do órgão. Não é sem motivo que o SPI não discute em momento algum, os efeitos de sua atuação junto aos povos indígenas. Contudo, para os Parintintin tanto os grandes proprietários da região quanto a Inspeção desempenhavam o mesmo papel, o de "patrão". Com a diferença, apenas, de que a Inspeção mostrava-se mais generosa dando em troca do trabalho realizado pelos Parintintin, maior quantidade de mercadorias (ferramentas, panelas, farinha, etc). Cabe frisar que as "mercadorias" fornecidas num primeiro momento como presente a fim de conquistar a confiança dos índios, tornam-se, logo depois, quando necessárias, difíceis de obter e extremamente caras.

Após a saída de Niwendajú, do Posto de pacificação, permanecem junto aos Parintintin três outros integrantes da frente de atuação: o encarregado José Garcia de Freitas, que logo depois é rebaixado à auxiliar; Amaro José da Silva, nomeado em 1924 encarregado do Posto Capitão Portátil, no médio Maici e Antonio Lobato.

Arquivo

Em meados da década de 20 inicia-se os trabalhos com os Parintintin do baixo Ipixuna. O chefe desta região, Pyrehakatu, encontrava-se no lugar Borboleta, segundo Paulinho, no mesmo período que missionários ingleses chegaram no Ipixuna. Isto é 1925.

O relatório da 1a. Inspeção Regional de 1927, contém fotografia de uma ongã-casa tradicional em Urucumtum (baixo Ipixuna), lugar de Warinã e no relatório de 1928, existe referências sobre Pyrehakatu, em Borboleta.

Logo no início da pacificação foi feito, sem êxito, uma tentativa de reunir todos os Parintintin no Posto do Maici. No ano de 1926 é aberto, pelo encarregado Mariano Alecrim, o Posto de atração do baixo Ipixuna (Monguarê), no lugar Canavial com o objetivo de evitar que os índios saíssem do baixo Ipixuna para o rio Madeira, onde contraiam doenças. A gripe catarral e outras moléstias rapidamente alastraram-se entre os Parintintin depois que o Sr. José Garcia de Freitas levou os para visitar regionais nas margens do Madeira e do lago Uruapiara (SPI, 1924 : 24-26).

Em 1928 é fundado no médio Ipixuna o Posto José Bonifácio que além da sede, possuía 3 barracões de moradia para índios e uma escola. Neste Posto, o SPI prestou serviços de assistência médica e educação. A escola (em 1928) contava com 24 alunos. Algumas meninas, conforme Caterina Kunha'ab, moravam na casa de Antonio Ramos (encarregado do Posto, afastado em 1940 por ter engravidado a esposa de Warinã) aprendendo a cozinhar e costurar.

Para chefiar os Parintintin, quando Pyrehakatu abandona o cargo o encarregado "convida" Ijet (Paulinho) depois de perguntar-lhe o estatuto de seu pai (Mandat, importante chefe na região do Maici). Na condição de chefe Paulinho tinha como atribuição indicar os homens que deveriam abastecer o Posto de caça e pesca.

Em 1925, missionários ingleses da missão "Heart of Amazonas" - (Sociedade missionária evangélica posteriormente absorvida pela missão Unevangelized Fields) abriram no lugar "ongã Garcia", atualmente denominado de "Inglês", entre Urumutum e o Posto do médio Ipixuna. Lá construíram um grande galpão que servia de igreja, escola e cinema. Para atrair os Parintintin costumavam oferecer comida.

Os missionários permaneceram na região até 1929, quando segundo carta de Leonard Harris - reproduzida no relatório do SIL "Anthropological Check List, Parintintin" de LaVera Betts, Departamento de Estudos Técnicos do SIL, Junho de 1967, pp. 7 - "nos retiramos devido a escassez de índios que se mudaram para Três Casas", ou segundo Paulinho "foram presos e processados porque estavam contrabandeando minérios".

Arquivo

Nos anos 30, o SPI entra em colapso. As atividades assistenciais são drasticamente reduzidas. O Posto do médio Ipixuna - José Bonifácio - é transferido para o Canavial e do Maici fechado.

Nos anos que o SPI esteve ausente, a Prelazia de Porto Velho tentou, sem sucesso, estabelecer uma Missão junto aos Parintintin. A partir do ano de 1935 é criado em Belém, o Centro Missionário Parintintin, a Comissão Pró-Parintintin e até mesmo uma Cruzada Espiritual Pró-Parintintin que possuíam entre outras finalidades a de angariar donativos (Heringuer & Lange relatório não publicado pp. 54).

A reorganização do SPI no início da década de 40, permite que os trabalhos de assistência sejam retomados. Nesta época a la. Inspectoria Regional designa o "Ajudante Barroncas" para realizar levantamento sobre a situação dos índios do Madeira. Em seu relatório, de 1941, Barroncas assinala que parte do território Parintintin, depois de loteado pelo Estado do Amazonas, havia sido vendido para grandes latifundiários da região. Entre outros destaca Manoel Lobo, proprietário do lugar Três Casas e José Garcia (ex-funcionário do SPI) proprietário do lugar Maicy de Calamas que além de se apropriaram das terras indígenas utilizavam os índios para trabalhos em suas "propriedades".

No dia 20 de Janeiro de 1941, o Posto de atração do baixo Ipixuna é transformado em Posto de "assistência, nacionalização e educação", tendo sido designado para chefiá-lo, Angelo Dias Pinto. Este por ter iniciado um projeto de criação de gado no Posto foi muito popular entre os índios. Contudo, permanece no cargo menos de um ano, sendo involuntariamente transferido para os Pacaas-Nova, devido a uma manobra política de Antonio Lobato - conforme percebe Paulinho. Posteriormente, o próprio Antonio Lobato assume a direção do Posto, mas por pouco tempo. Paulinho, após diversos atritos com o encarregado, ameaça matar sua mulher, quando esta se recusa a fornecer-lhe farinha. Devido a este incidente, de acordo com o relatório de 1943, da la. Inspectoria, o SPI resolve fechar o Posto do Canavial abandonando os Parintintin a própria sorte.

DINÂMICA POPULACIONAL

Os Parintintin, como todos os grupos indígenas, sofreram nos primeiros anos após o contato drástica redução demográfica. Um grande número de indivíduos morreram vítimas das epidemias.

Segundo estimativas de Niwendajũ, existiam cerca de 250 Parintintin na época do contato. Na documentação do SPI o número de índios é calculado em torno de 300. Em 1941, o ajudante Barrocas relaciona

168 Parintintin em Três Casas, Calamas e no Posto do Ipixuna. Deixou de contar, portanto, os índios do alto Ipixuna, do Maici-Mirim e do Pupunha.. Embora, as informações disponíveis não sejam precisas é possível inferir que nos primeiros 20 anos de contato houve uma perda populacional de 40 a 50%. Isto porque, possivelmente, a população indígena na época do contato fosse o dobro da estimado por Niumendajú que não manteve contato com os índios do baixo Ipixuna e da região de Calamas.

Desde então, a situação demográfica atingiu certa estabilidade. No ano de 1967 o antropólogo Waud Kracke contou 157 Parintintin, sendo que 139 moravam no território tradicional (Ipixuna, Três Casas, - Maici-Mirim, Pupunha e Calamas) e os 18 restantes em Rondônia e Manaus.

No levantamento atual contamos 149 Parintintin dentro dos limites da área tradicional; 12 em Rondônia (dos quais 5 na frente de atração Uru-Eu-Wau-Wau; e 4 espalhados por Manaus, Pará e Bahia, perfazendo um total de 165 indivíduos.

Os Parintintin do igarapé Três Casas (23) ocupam um lugar de difícil acesso e infestado de mosquito. Por decisão dos próprios índios esta região não foi incluída na AI. Nove de Janeiro pois, pretendiam mudar, parte para o igarapé Pupunha e a outra para o Ipixuna.

Quando retornamos para Humaitã soubemos através de Antonio Ariamã que duas famílias de Três Casas já haviam acertado que nas próximas semanas mudariam para as cabeceiras do igarapé Pupunha.

Dentro da área identificada, 9 de Janeiro, residem 50 índios - excluindo a população de Três Casas.

Os Parintintin superaram longos períodos de adversidade conseguindo manter cerca de 50% da população estimada na época do contato. Acreditamos que, melhorando as condições de saúde do grupo, brevemente, será possível observarmos um incremento demográfico.

LEVANTAMENTO DEMOGRÁFICO

Área indígena 9 de Janeiro

Igarapé Pupunha

Poção (margem esquerda, subindo o igarapé)

Raimundo Cordeiro, 65, Kwandu

Elias Kurikuri'i, 35, Kwandu (sobrinho de Raimundo)

Alice, 29, mutum (esposa)

Luis, 10, Kwandu (filho)

Paulo, 8, Kwandu (filho)

Ardeleto

Graciete, 4, Kwandu (filha)
Mariazinha, 3, Kwandu (filha)

(Joãozinho Cordeiro, filho de Raimundo, mora permanentemente em Porto Velho, trabalha para a FUNAI).

Castanhal Velho (margem esquerda subindo o igarapê).

Antonio Arimã, 43, Kwandu
Maria do Rosário, 52, regional
Sílvia, 8, Kwandu (filha)

Castanheira Mokô (margem direita subindo o igarapê).

José Gomes das Neves, 53, regional
Raimunda, 54, Kwandu
João Gomes, 25, mumtum (filho)
Aristides, 20, mumtum (filho)

Os índios abaixo relacionados estavam escolhendo um lugar dentro do igarapê Pupunha para construir suas casas. O que é comum entre os Parintintin que de tempos em tempos mudam de uma região para outra dentro do território tradicional, porque segundo afirmam "enjoam do lugar" onde viviam.

Amazonas Arimã, 42, Kwandu (construirá casa, possivelmente próximo a do tio, Antonio Arimã).

Sebastião, regional, (marido)
Minonca, 10,
Raimundo, 8,
Mais quatro filhos menores.

Emília, 51, mutum (viúva)
Bebê, 27, Kwandu gwyrá'gwara (filho)
Lauro, 20, Kwandu gwyrá'gwara (filho)
Aristides, 19, Kwandu gwyrá'gwara (filho)
Valdinho, 17, Kwandu gwyrá'gwara (filho)

Marcela Messias, , Kwandu (está mudando para a casa da Raimunda no lugar Castanheira Mokô).

Igarapê Traira
Cabeceira do Igarapê Mariana (afluente do Traira)

Manoel Lopes, 32, Kwandu gwyrá'gwara

Maria, 30, Kwandu (esposa)
José, 18, Kwandu gwyrarai'gwara
Maria Alice, 13, Kwandu (nora, casada com José)
Domingo, 14, Kwandu gwyrarai'gwara (filho)
Jovenha, 9, Kwandu gwyrarai'gwara (filha)
Alcineide, 3, kwandu gwyrarai'gwara (filha)

Abaixo da boca do iagarapê Mariana (no igarapê Traira)

Alfredo Arimã, 28, Kwandu
Aldines Lopes, 13, Kwandu gwyrarai'gwara (esposa)

Varadorzinho (no igarapê Traira, acima do Balata)

Manuelzinho, 45, Kwandu
Maria, 45, mutum
Landê, 27, Kwandu (filha)
Avelino Catarina (regional)
Pedrinho, 22, Kwandu (filho de Manuelzinho)
Raimunda Dica (esposa do Pedrinho e irmã do Avelino)
Severino, 16, Kwandu (filho de Manuelzinho)
Raimundinha, 12, Kwandu (filha de Manuelzinho)
Laura Alice, 7, Kwandu (filha de Manuelzinho)

Ponte do Traira

Amélia Diaii, 29, Kwandu
Vinciano (regional)
Sérgio, 7, (filho)
Ana, 6, (Filha)
Marli, 3, (filha)

Igarapê 9 de Janeiro

Na boca do igarapê

Cândido, 39, Kwandu gwyrarai'gwara
Maria, 20, Kwandu gwyrarai'gwara (irmã)
Irineu, 5, Kwandu gwyrarai'gwara (filho de Maria)
Paulo, 14, Kwandu gwyrarai'gwara (irmão)
Maria das Dores, 10, Kwandu gwyrarai'gwara (irmã)

Arquivo

Outros Parintintin.

Igarapé Três Casas

Nazaré (no lago do Antonio)

João Messias, 74, Kwandu
 Zorino, 38, Kwandu gwyrarai'gwara
 Mariazinha, 35, Kwandu (esposa de Zorino e filha do João Messias)
 Zita, 17, Kwandu gwyrarai'gwara (filha)
 Jucineide, 9m, Kwandu gwyrarai'gwara (filha de Zita)
 Edmilson, 14, Kwandu gwyrarai'gwara (filho de Zorino)
 Francisco, 13, Kwandu gwyrarai'gwara (filho de Zorino)
 Herivaldo, 9, Kwandu gwyrarai'gwara (filho de Zorino)
 Miura, 7, Kwandu gwyrarai'gwara (filha de Zorino)
 Gilgete, 4, Kwandu gwyrarai'gwara (filha de Zorino)
 Edson, 3m, Kwandu gwyrarai'gwara (filho de Zorino)

Trindade (alto igarapé Três Casas)

Luizinho, 20, Kwandu gwyrarai'gwara
 Raimundinho, 22, Kwandu gwyrarai'gwara
 Toque, 35, Kwandu gwyrarai'gwara

Barracão Três Casas

Chico Messias, 28, Kwandu
 Raimunda Messias, 30, Kwandu
 José Moraes, (regional marido de Raimunda)
 Socorro, 18, (filha de Raimunda)
 Manuel, (regional marido de Socorro)
 Francisca (filha de Raimunda)
 Bosco (regional, marido de Francisca)
 Benedito, 13, (filho de Raimunda)
 Raimunda, 10, (filha de Raimunda)
 Fátima, 5, (filha de Raimunda)
 Laura, 3, (filha de Raimunda)

Eloi, 15, (filho de Maria Dire'i).

Arquivos

Rio Ipixuna

Canavial

Paulinho (Ijet), 85, Kwandu
Catarina, 75, mutum (esposa)
Orlete Bopari, 39, Kwandu gwyrarai'gwara (neta)
Elson, 3, Kwandu gwyrarai'gwara (filho de Orlete)

Mimico, 32 Kwandu (filho de Paulinho, trabalha na frente de atração -
uru-wen-au-au, mas possui casa e roça no Canavial).

Raimunda, 35 (regional)

Anacleide, 11, (filha de Mimico)

Agnaldo, 9, (filho de Mimico)

Simone, 7, (filha de Mimico)

Jacques, 2, (filho de Mimico)

Vigolberto, 17, mutum (filho adotivo de Paulinho)

Japac (próximo ao Canavial)

Paulo Neves, 40, mutum

Marielena, 46, Kwandu (esposa)

Eva, 21, mutum

Carlos Nascimento, 32, Kwandu (marido de Eva)

Damião, 5, kwandu (filho de Carlos)

Gleima, 4, kwandu (filha de Carlos)

Lucineide, 5m, Kwandu (filha de Carlos)

Rosali, 18, Mutum, (filha de Paulo Neves)

Luis, 28, Kwandu (marido de Rosali)

Jocélia, 3, Kwandu (filha de Luis)

Sebastiana, 15, mutum (filha de Paulo Neves)

Taliço, 23, mutjm (filho de Paulo Neves, trabalha na frente de atração
Uru-wen-au-au, sempre que possível retorna para o Ca
navial)

Igarapê Sarilho (afluente do Ipixuna, situado um pouco acima do Cana-
vial)

José, 37, Kwandu

Maria Pojô, 34, regional fala Kwahib

Raimundo, 16, Kwandu (filho)

Clarice, 15, Kwandu, (filha)

Roque, 12, kwandu (filho)

Raimunda, 10, Kwandu (filha)

Arquivo

Marlene, 7, Kwandu (filha)
Ednaldo, 5, Kwandu (filho)
Rosileide, 2, Kwandu (filha)
Benedita, 8m, Kwandu (filha)

Três Bocas (afluente do Ipixuna)

Coriolano Nascimento, 49, Kwandu
Maria, 14, Kwandu (filha)
José Bocari, 22, Kwandu gwyrari'gwara (marido de Maria)
Adelson, 1, kwandu gwyrari'gwara (filho de José)
Rosalina Ape'i, 37, Kwandu
Joaninha, 6, mutum (filha de Rosalina)
Lucicleide, 3, mutum (filha de Rosalina)
Claudete, 17, Kwandu (filha adotiva de Rosalina)
Marazonas, 32, Kwandu gwyrari'gwara (marido de Claudete)
Rosângela, 1, Kwandu gwyrari'gwara (filha de Marazonas)
Mundico, 27, Kwandu
Raimunda Jate'i, 60, mutum
Maria Kunhata'i, 70, Kwandu

Lago Uruapiara

São José

Luis, 50, Kwandu gwyrari'gwara

Povoação

João Toscano, 35, Kwandu gwyrari'gwara
Tote (regional, esposa do João Toscano)
Morivaldo, 6, (filho do João)

Cristo Rei

Mocinha Arimã, 36, Kwandu
Socô, 14, (filho de Mocinha)
Rosineide, 12, (filha de Mocinha)
Benedito (regional, marido de Rosineide)
José Daniel, 2, (filho de Mocinha)

Casa de Raimunda Dica?

Tomé, 21, Kwandu gwyrari'gwara
Joé, 20, Kwandu

Lago do Antonio

Joaquim Maia, 60, ?

Boca do Rio Machado (Gi-Paraná)

As informações foram obtidas junto aos índios da AI. 9 de Janeiro, -
portando, não estão completas. Os Parintintin de Calamas moravam no
seringal de Benjamin Garcia (no rio Maicizinho de Calamas) logo abai-
xo de Calamas, parte do território tradicional. O relatório da Inspe-
toria do Amazonas de 1941, indica a existência de 56 Parintintin em
Calamas.

Município de Calama

Manoel Martins, Kwandu (filho de Kuarata e Rea'i)

Maria (esposa de Manoel - filha de Arino Quatro Orelhas)
filhos?

Joana (irmã de Manoel)

Ilda (irmã de Manoel)

Eduardo (marido de Ilda e filho de Davine Borobê)

Bore'i Pã'i'ê, Kwandu

Maria, mutum (esposa de Bore'i e filha de Arino Quatro Orelhas)

Clovis, Kwandu gwyr'ai'gwara (filho de Maria com João Boco)

Iva, Kwandu gwyr'ai'gwara (filha de Maria com João Boco)

Marivaldo, Kwandu gwyr'ai'gwara (filho de Maria com João Boco)

Pedro Batista e Luis Batista (filhos de Mauda'i)

Rio Machado (acima de Calama)

Rosira (neta de Arino Quatro Orelhas)

Pirojã e Joaquim (filhos de Rosira e Nhupandi)

Zenaide (neto de Paulinho, filho de João Boaba e Ida)

Maria Lúcia (filha da Raimunda do Igarapé Pupunha, casada com regional)

Zelito (filho do Isidoro)

Lucide e Mariazinha (filhos do Samuel pai do Elias do Igarapé Pupunha)

Porto Velho

Trabalhando na frente de atração Uru-wen-au-au

Irineu, 26, mutum

Vivaldo, 28, mutum (irmão de Irineu)

Regina Arimã, 32, Kwandu (esposa de Vivaldo)

Criança, 3m, mutum (filho de Regina)

Mimico - veja Canavial - Rio Ipixuna.

Porto Velho

Trabalhando na Delegacia da FUNAI

Joãozinho (filho de Raimundo Cordeiro), Kwandu casado com uma regional, não tem filhos)

Outros Parintintin em Porto Velho

Valdemira, 23 (filha de João Boaba)

Maria do Rosário (filha da Raimunda do Igarapé Pupunha).

Neguinha (neta de Arino Quatro Orelhas)

Belmonte (no rio Madeira, abaixo de Porto Velho)

Fernando e Alexandre (filhos de Emilia), kwandu gwyrarai'gwara

Ariquemes (km 100 da Br 364)

Sebastião Bopari, 76, genro de Paulinho

Mercedes e Antonio, (Filhos de Bopari)

Manaus/AM

Nanisa (filha de José Arimã)

Santa Maria (baixo Manês)

Maria Luisa (filha de Cleunice)

Pará

Cleunice (filha de Sebastião Bopari)

Bahia

Jaira (filha de Raimunda do lago das Pupunhas)

TERRITÓRIO E LÍNGUA

Cerca de uma dezena de grupos Tupis, entre eles os Parintintin, auto denominados de "Cawahib" ou "Cagawahib", estreitamente relacionados lingüística e culturalmente, ocupam a região próxima ao rio Madeira, acima da boca do Marmellos e grande parte do Estado de Rondônia. O território tradicional Parintintin se estendia do baixo Ipixuna até o rio Machado, incluindo a bacia do rio Ipixuna, a parte superior do Rio Maici, a bacia inteira do Maici-Mirim e os igarapês Pupunha e Maicizinho de Calamas.

Os "Cawahib", pertencem a um grupo de línguas ou dialetos denominados por Martius de "tupis centrais", constituído pelos Cawahib, A piaca e Cayabi. Estes localizavam-se até o final do século XVIII, nas cabeceiras do rio Tapajós, na confluência dos rios Juruena e Arinos e por serem muito semelhantes, parecem dialetos de uma só língua; pelo menos é o que consta dos relatórios do SIL que aponta o Cayabi e Kagw hiv como mutuamente compreensíveis. Se caracterizam por vários traços comuns bem distintos de outras línguas Tupi, como por exemplo a existência de pronomes diferenciando masculino (ga) e feminino (hẽ), e o pronome ahe que se refere aos espíritos e as pessoas mortas. Todos pertencem a família de línguas Tupi-Guarani há alguns séculos no litoral atlântico, se distinguindo de outras famílias linguísticas do tronco macro-tupi, como Mundurucu, Suruí, Cinta Larga, etc.

Os grupos que se auto-denominam de "Cawahib" incluem para o lado leste dos Parintintin, do rio Maici até o Aripuanã, os Diahoi (ou Odiahub, como se escrevia nos relatórios do SPI); os Pui'ĩ; os Apeirau'di; os Juitypi e os Tanhuerim ou Tenharim. No outro lado do Machado, os Jupa e os Cutipã'i'ẽ; para o oeste do Madeira, os Juma; e no centro de Rondônia, Urupã'i'ẽ e ou Uru-Eu-wau-wau; e os Karipuna. Todos estes grupos são mutuamente inteligíveis. Segundo os Parintintin a única diferença para com os Tenharim é que estes falam muito ligeiro. Aparentemente não existe distinção de sotaque.

Os Karipuna parecem diferir ligeiramente em sotaque dos Parintintin, com ênfase deslocada para uma sílaba diferente, em algumas palavras.

Estes grupos demonstram possuir estruturas sociais muito semelhantes, com metades exogâmicas patrilineares. Em todos, existe uma metade chamada de Mytum ou Mytunynguera; mas o nome da outra metade difere de grupo para grupo, sendo Tauarẽ (arara vermelha) entre os Tenharim, Kanindẽ entre os Uru-Eu-wau-wau (segundo Mimico, membro da frente de atração) e Yvytu'i entre os Karipuna.

ESTRUTURA SOCIAL

Os Parintintin se distribuem em pequenos aldeamentos compostos de um modo geral, por uma família extensa (matrilocal) e agregados como irmãos e sobrinhos (patrilineares) do chefe do grupo. Verifica-se também a existência de grupos locais formados apenas por indivíduos - que trocam suas irmãs entre si. A maioria dos casamentos recentes ocorrem segundo o padrão tradicional: o genro se junta ao grupo do sogro.

Kofalo

Quase todos os grupos que se auto-denominam de Kawahib possuem duas metades exogâmicas patrilineares: metade Mutum e metade Kwandu - gavião real. Isto, contudo, é apenas um dos aspectos da organização social. O elemento que nos parece fundamental como estruturador da sociedade Parintintin são os grupos locais, altamente móveis e fluídos. De um modo geral os aldeamentos duram em torno de seis a dez anos, dependendo da produtividade da terra, da disponibilidade de caça e pesca e do estado de saúde do grupo.

Outros fatores podem ser apontados como responsáveis pela mobilidade de grupos ou indivíduos. Quando alguém morre, sobretudo pessoas consideradas importantes, na maioria das vezes o grupo se desloca. No momento em que ocorre um deslocamento também pode haver mudanças - na composição do grupo. Homens com prestígio procuram formar o seu próprio aldeamento, com o objetivo de obter o estatus de Chefe. É comum um Parintintin afirmar que permanece em um lugar somente "até enjoar"; Paulinho explica os frequentes deslocamentos do seguinte modo: "Nós não gostamos de ficar muito tempo num só lugar". A palavra "ikwerai" quer dizer "enjoar-se" de um lugar e o mito de povoação da área explica que os sucessivos deslocamentos do herói-fundador Taraveapoa'i, que subiu o Maici e abriu os lugares ao longo do rio ocorria porque ikewe raiga "se enjoou do lugar e foi embora para cima".

Um traço importante da organização social é a forte rivalidade existente entre os diferentes aldeamentos. O que, incrementa a mobilidade do grupo, pois, a sociedade Parintintin proíbe a expressão aberta de antagonismos, exigindo, no caso de desavença prolongada, entre dois indivíduos, que um deles saia para outro lugar - ocorrem casos de até filho deslocar-se do grupo do pai, por motivo de fricção irreduzível. Desta forma, os grupos contínuos, que muitas vezes incluem membros antagônicos, se dispersam, evitando assim a rivalidade intensificada pelo frequente contato entre adversários.

Essas tendências na estrutura social resultam em um padrão de grupos movediços e bem espalhados dentro de um território que outrora atendia satisfatoriamente a um povo sempre fugidio de inimigos próximos.

Ainda hoje, a dispersão Parintintin surge como condição indispensável para se evitar conflitos pela disputa das áreas de exploração de recursos naturais (sorva, madeira, castanha, etc), já escassos e dos territórios de caça e pesca, pouco produtivos.

A manifestação do aspecto peregrino da estrutura social Parintintin mostra-se atualizado no costume dos jovens, que até bem pouco tempo eram os guerreiros, de saírem de casa a procura de trabalho - na estrada, nas minerações e principalmente na extração de sorva. Via de regra, depois de alguns anos retornam para a terra de seu pai.

REGRAS DE CASAMENTO

A tendência a matrilocalidade no casamento, enraizada no laço marcante entre pai e filha continua inclusive nos casamentos mais recentes. Dos sete casais que se juntaram nos últimos anos, cinco moram com os pais da mulher - Zequinha Bocari e Antonio Marazonas, em Três Bocas; Luis e Carlos Nascimento, em Japec; e Alfredo Arimã no igarapé Mariano. As únicas exceções são: Vivaldo que está trabalhando para a FUNAI na frente de atração Uru-Eu-wau-wau - os pais de sua esposa, Regina Arimã, já morreram há muito tempo e a família dela está dispersa; e José Lopes que mora no lugar de seu pai com Maria Alice. Este - último caso por se tratar de uma moça muito nova, não foge aos padrões tradicionais, pois, sempre existe a possibilidade de trazer uma mulher jovem para a casa do pai, onde é criada como futura esposa.

A regra de exogâmia das metades, a primeira vista, parece enfraquecida. Isto não seria de admirar, visto que escolher o parceiro na metade oposta restringe severamente as opções de casamento, principalmente quando a população encontra-se muito reduzida.

De fato, nos casamentos recentes apenas três obedecem ao padrão ideal de uma pessoa da metade mutum casar com parceiro da metade kwandu. Estes são os casos do Carlos (Kwandu) com Eva (mutum), Luiz (Kwandu) com Rosali (mutum) e Vivaldo (mutum) com Regina Arimã (Kwandu).

As mudanças existentes não chegam a impedir que as regras continuem operando. Quando ocorrem casamentos entre kwandu, trata-se de kwandu legítimo casado com kwandu gwyrail'gwara, constituindo uma exceção permitida. É o que ocorre com Alfredo Arimã (kwandu) e Aldines Lopes - (gwyrail'gwara), José Lopes (Gwyrail'gwara) e Maria Alice (kwandu), Zequinha Bocari (gwyrail'gwara) e Maria Leunice (Kwandu) e Marazonas Bocari (gwyrail'gwara) e Claudete Nascimento (kwandu).

O casamento de Claudete revela uma situação interessante; o pai (kwandu) ao atravessar uma crise de doença na família resolve entregar sua filha para a irmã criar. Manuelzinho, pai biológico de Claudete a considera como filha e trata Antonio de genro. Contudo Claudete chama Rosalina (irmã de Manuelzinho) de mãe e Laurinho marido de Rosalina, que é mutum, de pai (agora de poria "pai morto"). Deste modo a filiação clânica de Claudete surge como ambígua. Embora seja Kwandu, reconhece como pai Laurinho-mutum. O casamento com um marido gwyrail'gwara constitui solução perfeita do problema porque cabe com qualquer identidade por ela escolhida.

Arinaldo

CHEFIA

Nos grupos pequenos e variáveis a chefia também é um fenômeno relativo. Os grupos estão sempre mudando de composição e podem até se dissipar de um dia para o outro. Nimuendajú (1924 : 239) resume muito bem os limites da Chefia: "Nunca vi entre os Parintintin um chefe de qualidade alguma, sem ser o chefe da família. Vivem em pequenos grupos de 40 cabeças no máximo, que são formados de uma ou mais famílias e mudam a composição constantemente... Entre os diversos chefes de família parece reinar completa igualdade. A autoridade deles, mesmo dentro do círculo da sua família, era, em alguns casos, bastante fraca. Yei (Diai'i) é o único que manda e é obedecido condicionalmente".

A estrutura nuclear de um grupo local permite ao chefe ter um mínimo de domínio dentro do grupo, baseado no poder exercido pelo sogro sobre o genro. A autoridade do sogro fundamenta-se não só na matrilocalidade mas também no princípio de que o genro é obrigado durante os primeiros anos de casamento a entregar-lhe todo o peixe e animal caçado. Se o pai da mulher estiver morto cabe ao irmão mais velho (cunhado) receber os serviços. Depois de cerca de cinco anos o genro pode abandonar o grupo do sogro, mas dificilmente consegue convencer sua esposa a ir para outro lugar. O que comumente se verifica, na atualidade, após o término do período de prestação de serviços é a construção de uma casa, pelo genro, próximo a do sogro, que continua mantendo sua autoridade de forma atenuada. O caso do Luiz e Carlos (no Ipixuna) exemplificam esta regra.

De fato a liderança tem como elemento estruturador os mesmos princípios que permitem ao sogro exercer sua autoridade. Os deveres e direitos do sogro são semelhantes ao do chefe do grupo que exerce o papel de "nhandervihav" (pessoa no lugar de nosso pai) ou "mborerewkwaraga" (quem faz ligar ou amarrar) com a atribuição de organização de trabalho e de receber a caça dos caçadores do grupo para reparti-la.

Um chefe só consegue reunir um número expressivo de indivíduos além dos genros, quando possui alguns requisitos, como iniciativa, delicadeza e habilidade para não ferir a autonomia de seus seguidores.

Algumas regiões do território Parintintin tiveram chefes muito respeitados: no Ipixuna Pyrehakatu; no Maici, seu pai Byahu (que morreu antes da pacificação); no alto Maici-Mirim, Borep; no Igarapé Nove de Janeiro, Mandat; no Maici-Mirim e Igarapé Pupunha, Diai'i, e no Maicizinho de Calamas, Arino Quatro Orelhas (meio irmão de Pyrehakatu).

Arino

Estes chefes adquiriram respaldo em toda a área que atuaram e até além mas não dominavam de forma absoluta. Caso tentassem perdiam o apoio - conquistado entre os chefes dos grupos locais.

Um exemplo de "abuso de poder" é José Diai'i que contou com o prestígio de seu pai para assumir o domínio do igarapé Pupunha. O seu comportamento autoritário acabou por aborrecer a todos os Parintintin da região, fazendo com que perdesse o mínimo de influência que possuía. Em 1967 morava no laguinho somente com a família e um primo solteiro, José Lauro. Depois da morte de Diai'i sua filha Amélia foi expulsa do lugar por Antonio Arimã, embora pelos padrões Parintintin ela tinha o direito de permanecer nas terras ocupadas por seu pai.

Antonio Arimã saiu do Ipixuna depois de vários atritos com Paulinho e está se projetando na posição de líder atuando contra as invasões de regionais. Neste papel tem encontrado bastante respaldo, em parte, porque respeita, ao mesmo tempo a autonomia dos outros membros do grupo.

Na área do Traira, Manoel Lopes exerce a liderança com um estilo bem folgado de tal modo que um observador desatento mal percebe que existe um chefe no grupo.

SIGNIFICADO CULTURAL DO ENTERRO E DOS CEMITÉRIOS

A relação do indivíduo com sua moradia e com a região onde viveu, continua de certa forma, depois da morte. Antigamente, homens e mulheres mortos eram enterrados embaixo do piso de barro da "ongã" - (casa longa) - caso morressem próximo da casa. Hoje em dia o enterro se realiza num cemitério na mata um pouco atrás do terreiro. No momento em que ocorre uma morte, o ra'uv (imagem, espírito) da pessoa sai do corpo e se transforma em anhang (fantasma), permanecendo no local outrora frequentado pelo morto, assombrando a moradia e as roças, como também o cemitério e os utensílios que costumava usar quando vivo.

No dia em que um indivíduo morre tudo se faz para evitar que o ra'uv se transforme em anhang, e para afastar os outros anhang que se aproximam. Os parentes fecham os olhos do falecido - do mesmo modo que o guerreiro tece os olhos do inimigo - pintam seu corpo com urucu, porque a cor vermelha e o cheiro forte assuta o anhang, enterram o corpo dobrado e amarrado na rede de forma que dificulte a saída do ra'uv - com a cabeça voltada para rio-acima, segundo alguns informantes, com os pés para o rio, segundo outros. E ainda assim, mantêm a noite inteira, várias lamparinas acesas para afastar os anhang com a luz. Depois, o mais cedo possível, a família do morto distribui os seus uten

revisado

sílios de uso diário, entre os membros do grupo local, para a visagem não voltar a usá-los. No caso de morte de um adulto, trocam a palha da casa ou mudam de lugar, desfazendo a casa (ou a aldeia inteira) re construindo-a em outro local. Este procedimento, segundo afirmam, é para enganar anhang do morto.

O lugar frequentado em vida, permanece para sempre assombrado pelo anhang. Se referem a estes lugares como po j ý — apavorante ou ameaçador — sobretudo, quando pertecem a um chefe poderoso. Paulinho diz que MBYRYTITY'VI, lugar onde seu pai morreu, há uns noventa anos, é po J Ý; falam a mesma coisa de Borboleta, onde morreu Pyrehakatu. A presença de um chefe importante, mesmo depois de morto, é considerada permanente tanto no cemitério, quanto no espaço que outrora lhe pertencia.

ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA

Antes do contato diferentes variedades de milho predominavam nas roças Parintitin. Conheciam também a mandioca. Ambos são citados no mito de origem das plantas. Segundo o mito, tanto o milho quanto a mandioca foram nominados por pássaros. Um pica-pau ao sobrevoar o mi lho gritou avati'i-ti'i! avati'iti'i! e uma outra ave chamou a mandioca de mandi'yv! mandi'yv.

Hoje em dia diversos tipos de milho são cultivados. Contudo, a mandioca tornou-se, sem dúvida alguma, o principal alimento. Plantam também diferentes espécies de tubérculos, cana, arroz, feijão e abóbora. Muitas vezes ocorre do milho, arroz e feijão ocuparem pequenos trechos da roça, isto porque nos períodos de escassez de alimento, as sementes reservadas para o próximo plantio são consumidas.

As roças localizam-se não muito distante das casas e possuem em média cerca de 1 ha. As fruteiras (pupunha, tucumã, marigordo, ingã, bacaba, mamão, laranja, manga e outras) assim como diferentes tipos de batatas são plantadas junto ao terreiro (okará). O algodão é a única planta permitida dentro do terreiro. As flechas são encontradas nas capoeiras antigas onde foram originalmente plantadas.

Os trabalhos nas roças iniciam-se em Julho com a derrubada do mato, através de um puxirum - ojihe'ai'a oporavy kývavb (se junta para trabalho) que conta com a participação de quase todos os homens do grupo local. Esta atividade fundamenta-se no princípio da reciprocidade. O

de 10/10

okakwahav (a pessoa que convoca): tem por obrigação oferecer uma farta refeição de carne de caça e também de participar do puxirum de todos aqueles que trabalharam em sua roça.

Destes momentos em diante cuidar da roça capinar e colher, torna-se uma atividade quase que exclusivamente feminina. O homem sô acompanha sua mulher até a roça quando pretende manter relações sexuais. Caso resolva trabalhar na limpeza da roça corre o risco de ser visto como um afeminado.

O território Parintintin, embora seja relativamente extenso, possui pouca disponibilidade de terras agricultáveis. Uma área sô é cultivada três vezes seguidas, porque deixa de ser produtiva, sendo necessário para a sua reutilização, que o solo descanse por cerca de 20 anos. Além disso, não existe grande quantidade de trechos de terras altas que não alagam durante - as chuvas - próximo aos rios e igarapês. Portanto, verifica-se que mesmo tendo os Parintintin grande mobilidade, mudando de lugar constantemente, várias de suas roças tem sido feitas em matas de capoeira - que cresce em um local já explorado - menos produtivas, difíceis de derrubar e que exigem constante manutenção.

O peixe é a principal fonte de proteínas dos Parintintin. Pescam durante todo o ano, sendo a época da piracema nos meses de maio e dezembro, mais produtiva. É raro o dia em que pelo menos um dos membros de uma casa não esteja pescando, seja o homem, a mulher ou até mesmo as crianças. A pesca é feita de forma individual, predominando o uso do arco e flecha (sem penas, com ponta de metal). Durante as chuvas ocorre a inundação de grandes extensões de terra aumentando as dificuldades de se obter peixes. Contudo esta época coincide com a frutificação de determinadas árvores cujos frutos, muito apreciados pelos peixes, caem justamente no auge das cheias, nos meses de janeiro a março. Para pescar os Parintintin deslocam-se grandes distâncias a procura das árvores que estejam frutificando.

Desenvolvem também, no período das cheias, um tipo curioso de pesca denominado de "moitã (mbyta): desenham com carvão a figura de um peixe num pedaço de madeira que é preso na extremidade de uma vara. Ao localizarem uma árvore frutífera constroem uma plataforma de onde procuram atrair os peixes colocando a figura desenhada na madeira dentro d'água. Dizem que pegam grandes quantidades de peixes, deste modo é que os Pirahã também conhecem esta técnica.

No verão pescam nas margens dos igarapês de arco e flecha e de anzol. Dentro da mata nos lagos formados durante a vazante e nos pequenos riachos utilizando timbô ou a casca da "cuiarana do igapô"

árvores com sementes compridas como a do ingã e com fruto semelhante a uma cuia pequena. Desde quando começam a bater o timbõ até o momento em que consideram que o veneno se espalha na água de forma satisfatória, ninguém pode pisar ou tirar um peixe do poço. Também é rigorosamente evitado a presença de mulheres. Da noite anterior ao início dos trabalhos até o seu término é proibido manter relações sexuais. Caso o timbõ não faça efeito ou fique fraco, recém casados são acusados de terem violado esta prescrição. Todos, inclusive as mulheres, participam da coleta dos peixes numa atmosfera bem festiva.

Comem qualquer peixe menos o boto (pirapytu - peixe que respira) e o peixe boi (anhaga pipiruhu).

Utilizam para caçar espingardas e cachorros. Esta é uma atividade individual feita se houver necessidade e vontade de comer carne de caça. Muitas vezes saem para caçar quando escutam o estrondo de um bando de quixada ou percebem o rastro de um animal.

No verão costumam interromper os trabalhos da seringa ou da sorva para realizarem expedições de caça nos centros, próximo as cabeceiras dos igarapês. As caçadas mais demoradas são feitas quando precisam juntar grande quantidade de carne para uma festa ou um puximum.

A caça, os peixes e a farinha são consumidos conforme um complexo processo de partilha. Mesmo tendo ocorrido diversas mudanças na sociedade Parintintin como o desaparecimento da grande maloca (onde residiam mais de uma família nuclear), a introdução de produtos industrializados na dieta alimentar e a grande dispersão do grupo, verifica-se que as formas tradicionais de distribuição de alimentos continuam operando.

De um modo geral, o grupo local é constituído de 2 ou 3 unidades domésticas. Cada uma abriga a família nuclear e algum agregado. Embora as casas, atualmente, sejam construídas conforme o estilo regional, sob pilotis, teto de palha e piso de paxiuba, a composição dos grupos locais baseado nas relações entre cunhados ou sogro e genro indica que permanece, pelo menos em parte, as regras existentes na maloca pré-contato.

Uma família quando produz farinha, geralmente feita da mandioca de sua roça, fornece aos outros membros do grupo determinadas quantidades que variam segundo o estatus dos indivíduos ou as relações que mantêm entre si (quanto mais socialmente distante for, menor será a quantidade recebida). Se um homem pouco partilha com os outros, também quase nada recebe. Em ocasiões de festa a mandioca de diferentes famílias é torrada coletivamente e o chefe ou sua mulher reparte entre os convidados e para aqueles que participaram da produção da farinha.

Mário

A partilha da caça e da pesca depende da quantidade. Quando ma tam um animal pequeno ou uma ave ou um peixe, este é consumido dentro da unidade doméstica do caçador, as vezes repartem com as famílias - mais próximas como a do sogro ou genro.

Nos primeiros cinco anos de casamento o homem mora junto com a família de sua mulher (na mesma casa, ou como antigamente, no mesmo - canto da casa-longa) e sempre quando caça ou pesca entrega tudo para o sogro. Se algo um pouco maior é obtido - quatro ou cinco peixes de tamanho médio, uma cutia ou um macaco - o pescador/caçador entrega pa ra sua mulher ou para a sogra que prepara, cozinha e reparte entre to das as famílias da unidade doméstica.

Se uma pescaria é bem sucedida o pescador (através de sua mu lher) reparte os peixes ainda cru com as outras mulheres do grupo. Ca da mulher prepara o peixe que recebe e depois reparte com todo o gru po. Para variar uma mulher assa o peixe enquanto outra cozinha.

Grandes caçadas ou pescarias são realizadas para festas ou pu xirum. Então, tudo é guardado, com exceção do pequeno pedaço que as vezes acompanha o convite. No caso de se obter muita quantidade de peixe ou carne, sem um objetivo definido (festa ou puxirum) cabe ao chefe do grupo (mborerekw'i) fazer a partilha. Em relação ao peixe, o chefe simplesmente dá maior quantidade para a família do pescador, di vidindo o restante com as outras famílias, segundo suas necessidades e estatus. Fora da casa, conforme considerações políticas.

A divisão da caça é um pouco mais complicado: o caçador recebe os órgãos internos e um quarto do animal. O resto é distribuído entre as várias famílias do grupo, de acordo com os mesmos critérios do pei xe. Cabe a cada família moquear uma parte da carne recebida e dar pa ra o caçador a metade, ou pelo menos um pedaço.

A distribuição de frutas do mato ou platadas é mais informal. Pertence sempre à família que coleta. A regra da generosidade preva lece tanto no caso da fruta, farinha, pesca e caça.

As regras da partilha era e continua sendo fundamental. Não so mente com os alimentos mas também em relação a qualquer outra coisa. Reconhecem como sendo de propriedade individual a canoa, o remo, as ferramentas etc. do homem que os produziu ou adquiriu. As panelas, os fusos e outros utensílios de cozinha são das mulheres. As crianças - também possuem a posse bem definida dos brinquedos. Caso alguém peça qualquer objeto, conforme a circunstância, cabe ao proprietário dá-lo.

0000

Recusar um pedido é considerado insulto grave e aquele que assim procede corre o risco de ser estigmatizado de akata'ym (mesquinho). Atributo que pode levar o indivíduo a ser excluído da rede de partilha. Por isso, crianças são rigorosamente instruídas no valor de ceder o que é por outro desejado.

Quase todos os animais são caçados existindo apenas algumas exceções. Não comem os grandes predadores; gavião, jacaré, lontra, onça, e outros. A piranha é comida com restrições. Também não comem os animais considerados de estimação que inclui todos aqueles criados em casa, com exceção da galinha.

Não gostam muito do sabor da carne de capivara. Apreciam o jaboti, tartaruga e tracajã que são capturados quando encontram na mata ou na água. Costumam também coletar ovos de tracajã.

As restrições alimentares são rigorosamente observadas e influenciam de certo modo, na distribuição de alimentos. O tipo de dieta a ser seguido por um indivíduo é definido basicamente pela sua faixa etária. Os jovens não devem comer cutia mutum e inhambu para não ficarem preguiçosos. Uma mulher grávida e seu marido não podem matar ou comer, entre outros animais, a anta, o veado roxo e a piranha, para que nenhum mal atinja a criança. Os pais desde o nascimento do primeiro filho e até que este atinja uma idade avançada evitam carne de mutum e paca. Doentes e seus parentes mais próximo também procuram seguir uma rígida prescrição alimentar.

RELAÇÃO COM REGIONAIS E ATIVIDADES COMERCIAIS

Como já assinalamos após o contato tornou possível a exploração econômica do território Parintintin. Para que este objetivo fosse alcançado o SPI desempenhou papel fundamental, pacificando os índios, introduzindo indiscriminadamente produtos industrializados, permitindo a ocupação de suas terras e treinando a mão-de-obra indígena para ser utilizada na economia regional.

Deste modo, os Parintintin não só perderam o controle de seu território, invadido por seringueiros e coletores de produtos naturais mas também passaram a trabalhar para os grandes patrões da região. Entre outros, podemos destacar: Manoel Lobo que das margens do Madeira (sede Três-Casas) interiorizou sem domínios até as cabeceiras do Iomokô - afluente do Ipixuna; e Sebastião Pereira que explorou até a exaustão os sorvais e seringais dos igarapês Papunha, 9 de Janeiro, Traira e Maici-Mirim.

Com a decadência da economia extrativa, os grandes patrões perderam influência sendo substituídos pelos regatões. Estes últimos com capacidade limitada, deslocavam trabalhadores para dentro das terras Parintintin, somente na época de coleta de castanha e extração de sorva e madeira. Como percorriam toda a região, os regatões tornaram-se os principais fornecedores de mercadorias (sal, pólvora, roupa, etc) obtidas em troca de serviços e produtos naturais.

Embora constantemente invadida, a parte central do território indígena, não tinha sido, até então, ocupada. Principalmente devido a dificuldade de acesso. Este quadro é alterado no início da década de 70 com a construção da BR 230 (Transamazônica) que corta ao meio, a região originalmente ocupada pelos Parintintin. A partir de 1978, o INCRA inicia o assentamento de colonos nas margens da estrada (Gleba Pupunha) em lotes de 100 ha - 500 m. de frente por 2.000m de fundo.

A forma pela qual as terras pertencentes aos Parintintin tem sido ocupadas determinam a história recente de suas relações com regionais. Durante o assentamento de colonos na Gleba Pupunha, os membros dos grupos locais do Traira e 9 de Janeiro solicitaram a interferência da FUNAI de Porto Velho/RO para impedir que fossem expulsos da área. Pois, segundo afirmam, funcionários do INCRA faziam constantes ameaças dizendo que não possuíam qualquer direito, além de mandá-los ir para outro lugar. Em diferentes ocasiões foram forçados a se esconderem no mato porque aviões realizavam vôos rasantes sobre suas casas. Até 1980, viviam com muito medo e mal conseguiam trabalhar. Da FUNAI receberam a garantia de que podiam continuar onde estavam. No entanto, desconhecem as providências tomadas pelo órgão tutor e nenhum funcionário esteve na região constatando os problemas.

A presença de um grande número de regionais próximo aos aldeamentos Parintintin tornam frequentes os conflitos. Depois que grande parte de seu território foi ocupado os índios procuram impedir que o "branco" avance além dos limites já estabelecidos. Isto é, a demarcação feita pelo INCRA nos fundos dos lotes - uma linha paralela a estrada, situada 2 km. distante, denominada pelos regionais de "fundição". Somente junto ao igarapé 9 de Janeiro, na altura do Km 55 (saído de Humaitã) onde a terra é de ótima qualidade (preta) alguns colonos atravessaram a fundição, até 6 km.

O Cândido que reside no 9 de Janeiro, próximo ao antigo Posto de pacificação e o grupo do Traira protestaram no INCRA/Humaitã-AM, contra essa invasão. Como de costume não obtiveram sucesso.

Revisão

Os colonos que expandiram seus lotes também fizeram queixas no INCRA contra os índios. Dizem que comumente levam mandioca e cana de suas roças e matam porcos.

Possivelmente, os responsáveis pelos problemas que os colonos estão enfrentando são os Pirahã. Visto que, hoje em dia, esses índios chegam a realizar incursões até as proximidades do 9 de Janeiro.

Os Parintintin sempre que percebem a presença de brancos caçando ou pescando dentro das terras que entendem como lhes pertencendo - convidam-os a se retirarem. O controle pelas áreas de exploração de recursos naturais é o principal causador de conflitos com regionais. Esta situação não é mais grave devido aos baixos preços da sorva e da castanha, além do fato de que a maioria dos moradores da estrada vieram do sul do país e são pouco familiarizados nas práticas das atividades extrativas.

O Elias (Pupunha) corta uma estrada de seringa no igarapé Cautela onde existe também, uma ponto de castanha, explorada pelo Antonio Arimã. O Osmar Barbosa, que se diz proprietário da área (segundo levantamento do INCRA nenhum título incide no igarapé Cautela) enviou, através de seu gerente, Francisco de Abreu, uma carta para o Elias ordenando-o que abandonasse a colocação. O Elias, por sua vez, não se intimidou e continuou trabalhando na estrada de seringa.

O Antonio Arimã depois que expulsou ps regionais das Colocações Centrinho e Terceira passou a explorá-las juntamente com o Raimundo - Cordeiro e o Coriolano. Na altura do km 26, o Doca, Abel, Baixinho e Raimundo atravessaram a fundiária para retirar sorva. Tanto o Antonio quanto o Manoel Lopes já os avisaram para que não entrem na área pois segundo afirmam "somente nossos parentes pode trabalhar porque senão - não sobra nada para os nossos filhos".

O marido da Raimunda ocupou a colocação Todos os Santos entre o igarapé Pupunha e a estrada, que era explorada por regionais. No Maicimirim os castanhais abertos e trabalhados durante muitos anos pelos Parintintin são de "propriedade" do Eduardo Duarte (o INCRA acusa a inexistência de títulos na região) proprietário de terras nas margens do Madeira e dono do Posto de gasolina no porto de Humaitã. Os índios pretendem voltar a explorar os castanhais por conta própria. O que não ocorreu, até então, porque tem sido muito pequena a produção de castanhas. Há também um certo receio de represálias por parte do Eduardo Duarte.

Em Humaitã os índios comercializam tudo o que pode ser transformado em dinheiro. Sorva, castanha, seringa, pele de gato do mato, papagaio, macaco, carne de caça e frutas etc. são vendidos sempre que possível.

Reservado

Apenas os grupos do 9 de Janeiro e Traira trocam sorva por mercadorias com os pequenos comerciantes da estrada. A maior distância da cidade dificulta o escoamento da produção. Os índios se vêm na contingência de trocar os seus produtos por mercadorias que lhes são vendidas muitas vezes mais caro do que no comércio de Humaitã. Como sabem que estão sendo explorados ("conhecem os preços da cidade") as relações com os comerciantes da estrada são sempre muito tensas. Além do que encontram-se presos a dívidas manipuladas de forma a não terem jamais condições de pagá-las.

A HISTÓRIA CONTADA PELOS PARINTINTIN, SOBRE A OCUPAÇÃO DA REGIÃO

A bacia dos rios Maíci e Maíci-Mirim é considerada a parte mais antiga do território Parintintin. Através da história oral é possível perceber a forma pela qual ocorreram os movimentos migratórios e a ocupação desses rios.

Remonta, provavelmente, ao início do século passado a perambulação dos grupos citados pelos Parintintin que enumeram mais de cinquenta locais de habitação na bacia dos rios Maíci e Maíci-Mirim. Todavia, a entrada na área é registrada desde tempos mitológicos. A história do povoamento é descrita na lenda do grande chefe Ika'apytimba'vi (ou Taraveapoa'i) que estabeleceu e nomeou todos os lugares. Em seguida os chefes de cada grupo local ocuparam os sítios em lugar do Ika'apytimba'vi.

Os movimentos migratórios dos parentes mais próximos de Paulinho (o mais velho Parintintin vivo) são melhor documentado do que qualquer outro caso. O território acima de ja'gwarengwanguhu (onça parda grande) onde morava Memua'ê, próximo as cabeceiras do igarapé 9 de Janeiro, pertencia a Mandat, pai de Paulinho. Mandat em sua terra (Madara'gayuy) - abriu os lugares jurapakō, jiruakō, okyryti'gi, gwiririkō e Mbyrytity'vi, entre os quais residia de tempos em tempos.

É interessante notar que conforme sugere o mito de povoamento, as migrações ocorrem na direção do alto Maíci e Maíci-Mirim, tendo como ponto de partida o baixo Maíci. O que verifica-se nos seguintes casos: Memoã'i, renomado pagé, ocupou os lugares Ypiahu (no Maíci), Nhaepopev (no Nove de Janeiro) e finalmente Ypiahu'i (pequeno lago grande no Maíci-Mirim). Quando morreu a chefia do grupo foi transmitida para seu filho Mbatiti'ga, pai de Arino; outro chefe importante, Pirerō, viveu no baixo Nove de Janeiro, em Koyvate'i e Nhaehũ'i, de onde passou para o igarapé Traira com seu genro Arino e o filho Aruka (pai de Manoel Lopes) antes de mudar para o Ipixuna.

devidas

Outros exemplos porém, não se configuram com a hipótese do mito, reivindicando uma análise mais complexa: Takwaiñovape'vi, morou - em Yuyharuhu e Kokatu, no médio Maici-Mirim, acima do igarapé Jakyta'i depois subiu para Karātinguhũ (Alto Maici-Mirim). Quando velho encontrava-se no lugar de Byahu (pai de Pyrehakatu) antes de mudar para o Ipixuna. Igarikatu vivia no Alto Maici-Mirim em Jutaiko'i de onde baixou para Gapywkaitav, logo acima de Koyvate'i. Com seus irmãos Nhupãpuku, Boribuhu, Iguã e Kariu'ui foram para Yvi'ryp (no Maici logo acima da boca do Maici-Mirim). Depois subiu, indo morar em Gwaranayvoguhu (onde, segundo Paulinho, Iguarikatu torna-se chefe, após a morte de Mandat), Ypiahũ (lago Grande), Akutiuhũ e Jagwatayuykõ.

Embora a dispersão Parintitin ocorra de um modo geral na direção de baixo para cima em relação aos cursos d'água, percebe-se que - esse movimento não é linear havendo, dentro de uma região de ocupação, pequenos ciclos com o retorno do grupo, não necessariamente para o lugar de origem.

RELAÇÃO COM A TERRA

Embora os Parintintin tenham como característica uma constante mobilidade, possuem ao mesmo tempo um forte laço com o seu território. O sentimento de posse é muito marcante. Um lugar onde existe uma aldeia, maloca, ou casa é conhecido como Ga'gwyr "o lugar de", chefe do grupo, que continua, durante décadas, identificado com este indivíduo e é considerado propriedade de seus filhos e dos filhos de seus filhos.

Igualmente, a região em que ocorre os sucessivos deslocamentos de um grupo por exemplo, ao longo de um igarapé - é conhecida como - gayuy, "a terra de" o chefe do grupo. Assim, todos os lugares de Mandat Mandara'ga'gwyr localizam-se ao longo do igarapé Nove de Janeiro - (nhaetĩ'gy) e por isso o nhaetĩ'gy é Mandara'ga'yvy - "a terra de Mandat".

Essas identificações permanecem durante várias gerações. O igarapé Traira é considerado terra de Pirero, porque morou no lugar Varadorzinho. Aruka, um de seus filhos, morou também em Varadorzinho "no lugar do pai"; e o filho de Aruka, Manoel Lopes, reside em um afluinte do Traira. Quando Manuelzinho quis se estabelecer numa localidade perto de Varadorzinho, pediu licença a Manoel Lopes "porque ele é o dono da terra por aqui". Por força, tal pedido, (de um "parente") é aceito; mas não se deve mudar para um lugar que não lhe pertence sem prévia autorização.

Do mesmo modo Antonio Arimã quando quis mudar do Ipixuna para o igarapê Pupunha pediu licença a Raimundo Cordeiro, que passou a maior parte de sua vida morando no lugar Poção (José Diai'i que reivindicou todo o igarapê como "terra de seu pai", o chefe Diai'i, já havia morrido). Arimã, agora, está assumindo a liderança nesta região e as famílias de Três Casas lhe pediram licença para residirem no Pupunha.

Quem abriu todos os lugares na área, o que justifica a reivindicação do grupo à região que habita, foi o ancestral lendário Tara-veapoa'i. Ele veio, segundo o mito, de uma região onde não existia árvores, nem terra, só água. Embarcou com seus seguidores em uma canoa três dias e três noites sem ver terra. Depois subiu o rio (Amazonas) até chegar no Madeira, o qual subiu até o Marmelos. Quando chegou no Maici parou no lugar Imoko, fez uma casa e uma roça. Em seguida, segundo a história, foi de lugar em lugar: em cada lugar permaneceu um tempo, depois se enjoou e foi embora para cima. Ele deu nome aos lugares segundo suas características e ou os fatos lá ocorridos.

Os donos históricos dos lugares ocupam "em lugar de" (ga py'ro va); Mandat, por exemplo, ocupou o lugar Juparapakó um lugar de Tara-veapoa'i.

Este antepassado mitológico forneceu aos Parintintin a posse da terra que hoje ocupam e depois foi embora para cima "na terra em frente de nós" - Tenoudeuhu - onde estabeleceu outros povos, talvez, conforme contam os Uru-eu-wau-wau.

PROPOSTA DE ÁREA

A proposta de área foi feita em conjunto com os Parintintin. Limita-se, apenas ao que sobrou do antigo território indígena, isto é, - excluimos da área eleita, os limites regularizados pelo INCRA. Inclusive aqueles que se encontram além dos limites da "fundiária" (demarcação - feita nos fundos dos lotes a 2 km da estrada) próximo ao igarapê Nove de Janeiro onde os Parintintin foram contactados.

O INCRA desde o início dos trabalhos na Gleba Pupunha tinha conhecimento de que no local existiam os Parintintin e Pirahã. As agências de oficiais de proteção ao índio, desde 1913. A gleba, inicialmente projetada para ser um grande assentamento, possui superfície que abrange quase que toda a AI. 9 de Janeiro. As características do solo, terras baixas que alagam durante o inverno, inviabilizaram o projeto.

Viajando, hoje em dia, pela Transamazônica no trecho entre Humaitã e o rio Maici, percebe-se a quem interessou o Projeto de Colonização

serviço

dentro das terras dos Parintintin. Um grande número de lotes foram transformados em fazendas de gado. E, diversos comerciantes da cidade de Humaitã-AM, com quem conversamos, possuíam o seu "lotezinho".

A área delimitada pelo GT. é parte integrante do território imemorial Parintintin constituindo o mínimo indispensável à sobrevivência do grupo e reprodução de seu modo de vida.

Na AI. Nove de Janeiro constatamos que inexistia a presença de não-índios e a incidência de dois pequenos títulos, próximo ao Lago Poção.

Em, 18 de Junho de 1987

José Carlos Sessinho.

FUNAI / SUAF
BSB, ___/___/___

Nº ORDEM 30

CONTROLE INTERNO DE REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA
ÁREA INDÍGENA NOVE DE JANEIRO

MEMO OU	<input type="checkbox"/>	INTERDITADA	- Proc. _____
CARTA/DOSSIE Nº _____, ___/___/___	<input type="checkbox"/>	A IDENTIFICAR	- Proc. _____
DATA DE ENCAM. AOS MEMBROS DO GT ___/___/___	<input type="checkbox"/>	IDENTIFICADA	- Proc. _____
PARECER Nº _____, ___/___/___	<input type="checkbox"/>	DEMARCADA	} Proc. _____
APRECIADO EM ___/___/___	<input type="checkbox"/>	EM DEMARCAÇÃO	
APROVADO EM ___/___/___	<input type="checkbox"/>	LEV. FUNDIÁRIO	- Proc. <u>1.262/85</u>
DECRETO Nº _____	}	DECL. OCUP. ÁREA INDÍGENA	<input type="checkbox"/>
___/___/___		HOMOL. DEM. (DEC. 76.999/76)	<input type="checkbox"/>

PENDÊNCIAS _____

DESCRIÇÃO DA ÁREA

SUER: 5º ADR: PORTO VELHO PIN(s): 01 (UM): PARINTINTINS
MUNICÍPIO: HUMAITÁ U.F.: AM.
SUPERFÍCIE: 234.400 HA APROX. PERÍMETRO: 290 KM APROX.
GRUPO INDÍGENA: PARINTINTIN
TRONCO LINGUÍSTICO: TUPI
POPULAÇÃO: 04 / ___ / ___ Nº ALDEIAS: _____

LIDERANÇAS {
 ___/___/___ : _____
 ___/___/___ : _____
 ___/___/___ : _____

Nº OCUPANTES NÃO-ÍNDIOS _____ TITULADOS: _____
 NÃO-TITULADOS: _____
 VALOR DAS BENFEITORIAS EM: 28 / 02 / 87 Czs 24.683,73

OBS.: PELOS DADOS NÃO FOI POSSÍVEL IDENTIFICAR SE OS OCUPANTES SÃO DETENTORES DO DOMÍNIO

<input type="checkbox"/>	ÁREA DOMINIAL INDÍGENA	} IMEMOR. <input type="checkbox"/> RESERV. <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	- REGISTRO CARTÓRIO	
<input type="checkbox"/>	ÁREA DOMINIAL DA UNIÃO	
<input type="checkbox"/>	- REGISTRO CARTÓRIO	
<input type="checkbox"/>	- REGISTRO S.P.U.	

PROCEDIMENTOS ACONSELHADOS: _____

OBS.: Veja-se no verso o RESUMO HISTÓRICO da área e do grupo indígenas.